

Hurdwar

Hurdwar, Hardwar ou Herdouar, cidade do Indostão, a sete leguas de Delhi, está situada na margem direita do Ganges, no ponto em que este grande rio deixa as montanhas do Gorval. A cidade de Hurdwar, pouco consideravel, consiste por assim dizer n'uma só rua estreita e comprida, mas é muito celebre entre os indios, que, pelo equinoxio da primavera, ali concorrem em peregrinação para fazer as suas abluções no Ganges, junto d'um templo de duas cupulas consagrado ao deus Vichnou. Por aquella epocha tem lugar em Hundwar a melhor feira do Indostão

Não é facil descrever as scenas extraordinarias

que se observam na feira, onde os indios se reúnem em multidão para cumprir ao mesmo tempo os deveres espirituaes e os seus planos mercantís. Encontram-se ali povos de ambos os sexos, e de todas as condições, idades e regiões; nenhum ponto da terra poderia offerrecer semelhante diversidade de individuos, e seria tão difficil enumerar as mercadorias de todas as especies expostas á venda n'esta feira, como designar os paizes que as produzem. Os feirantes encarecem na sua propria lingua os objectos que pretendem vender, resultando d'isto uma confusão maior talvez do que a da torre de Babel.

Vêm-se n'aquelle recinto cavallos de todas as partes do globo, elephantes, camellos, bufalos, cães, gatos, macacos, leopardos, ursos e tigres de diversos tamanhos. Divisam-se na mesma barraca chales de Cachemira, e estofos de lã da Inglaterra, coral do mar Vermelho, agathas de Guzerat, pedras preciosas de Ceylão, gommias e especiarias da Arabia, assafetida e essencia de rosas da Persia, variadissimas amostras procedentes da Franca, conservas da China, perfumarias de Londres e de Paris, assim como o henné africano para tingir os delicados dedos das mulheres do Oriente.

Percorrendo o caminho, a vista entretem-se com as ligeiras corridas dos jockeys orientaes, indo um a toda a brida em cavallo ricamente jaezado, outro galopando em agil corssel, emquanto um terceiro deixa caminhar á vontade a cavalgadura, assobiando-lhe para a despertar e mostrar assim a sua docilidade.

Os elephantes e os camellos ostentam as suas differentes qualidades e um rapaz persa com uma ninhada ou familia de gatos do seu paiz solicita a attenção dos viandantes para os pequenos animaes. Cada vendedor pede ordinariamente dez e vinte vezes tanto quanto tem intenção de obter, e altera os preços conforme o interesse ou indiferença que denota o comprador. E' vulgar a um feirante descer, em poucos minutos, de dez mil rupias a quinhentas. Quando o mercado está a concluir, o comprador e o vendedor envolvem as mãos n'um panno, e arbitrando um preço, demonstram pela pressão de certas articulações até que ponto estão de accordo. Por esta fórma tratam em segredo no centro da multidão, e é curioso espectaculo ver, atravez da sua negligencia affectada, quanto são interesseiros.

O engodo do ganho não os impede da observancia dos ritos do seu culto; os banhistas de ambos os sexos, devota e promiscuamente reunidos aos milhares sobre a margem do rio, ali fazem as suas abluções com sinceridade e abandono tão completos, pelo menos na apparencia, que mostram ignorar se estão vestidos ou não. O ghaut ou lugar da reunião apresenta um aspecto tão singular como a feira. Aqui européus estendendo o pescoço por sobre o dorso dos elephantes para verem os banhistas; ali brahmanes occupados a receber o tributo, religiosos mendicantes fazendo todo o genero de contorsões e indecencias, ministros christãos distribuindo aos peregrinos exemplares do Evangelho, traduzido nas suas linguas, porém mal succedidos nos ensaios de conversão dos indios, que temem soffrer affrontas de seus irmãos abjurando o culto de Brahma.

Portanto o quadro da feira e dos banhos impressiona o estrangeiro que pela primeira vez goza d'este duplo espectaculo. A estatura alta e a bella physionomia do sickh, as fórmas delicadas e a côr tsnada do bengalense, o talhe baixo do robusto ghorkas, o semblante amarellado do tartaro, o homem do Caboul ou o do Thibet, tudo parece reunido para variar a scena.

Não longe de Hundwar, no valle do Dhoun, a vegetação européa acha-se misturada com a vegetação asiatica; encontram-se ali arvores fructíferas de mil especies, flores de delicioso aroma, principalmente violetas e jasmims, e á sombra de largos ramos de palmeiras gorgeia o kokila, o rouxinol dos poetas indios.

## PORTUGAL E O GRANDE DESIGNIO DE HENRIQUE IV

## III

(Continuado de pag. 226)

É tempo comtudo de enumerarmos os differentes topicos d'esse grande designio que Henrique IV só communicou inteiramente a Sully nas suas longas conversações da varanda do Arsenal, conversações que o velho ministro nos conta nas suas *Economias reales*. Ainda o rei e o seu ministro o debatiam, quando o punhal de Ravailiac veio interromper a discussão, e exilar definitivamente para o reino das utopias o *grand dessein* d'Henrique IV de Franca:

O plano era o seguinte:

A Europa devia ficar dividida em quinze potencias; seis monarchias hereditarias, cinco monarchias electivas, e quatro republicas.

As monarchias hereditarias eram as seguintes: Franca, Inglaterra, Hespanha, Suecia, Dinamarca e Lombardia.

As monarchias electivas eram:

O imperio de Allemanha, a Hungria, a Bohemia, a Polonia e os Estados da Igreja.

As quatro republicas vinham a ser:

Republica veneziana, republica helvetica, republica belga e republica italiana.

Estes quinze governos teriam os seus delegados a um conselho supremo, cujo arbitrio seria decisivo em todas as questões de mais importancia na Europa.

Agora vejâmos como era determinado o territorio de cada uma das potencias.

A Hespanha ficava reduzida á peninsula ibérica; não podia pôr um pé fora dos Pyreneus; em compensação *guardava Portugal* cuja conquista iniqua fizera havia pouco tempo, e com Portugal conservava na Asia, na Africa, na America e na Oceania as vastas colonias que a nossa patria lhe levára, e juntamente as colonias antigas que devêra á audacia dos seus proprios navegadores.

A Franca era levada ás fronteiras naturaes; eterna ambição dos estadistas francezes. A republica belga e a Allemanha cediam-lhe o territorio necessario para chegar ao Rheno, e o duque de Saboya a provincia d'onde lhe vinha o titulo ducal e Niza para que attingisse aos Alpes.

Em compensação o duque de Saboya ficava com o novo reino da Lombardia, que se compunha do Piemonte, do marquezado de Montferrat e do Milanéz. Como se vê, era pouco mais ou menos o que Napoleão III realisou em Villafranca.

A Suecia, a Dinamarca e a Inglaterra não soffriam mudanças de territorio.

O imperio de Allemanha saia da casa d'Austria e passava para o duque de Baviera, a quem eram dados tambem o que hoje dizemos paizes allemães do imperio austriaco.

A Hungria era augmentada com a Esclavonia, a Besuia, a Croacia e a Transylvania.

A Bohemia recebia como accrescentamento de territorio a Moravia e a Lusacia.

A Polonia ficava como estava, emquanto a ex-

pulsão dos turcos não permittisse augmentar-lhe o patrimonio com as provincias arrancadas ao Crescente.

A Santa-Sé recebia Napoles, quer dizer a parte continental do que foi depois reino das Duas-Sicilias.

A republica belga compunha-se dos Paizes-Baixos, unindo-se as provincias hespanholas ás que já tinham recuperado a independencia.

A republica veneziana recebia a Sicilia e as costas orientaes do Adriatico até ás fronteiras turcas.

A republica helvetica adquiria os limites que hoje tem, com uma modificação para melhor, porque parece que lhe seria adjudicado o Tyrol. Esta republica, da mesma fórma que a republica belga, conservava a fórma federativa.

Federativa tambem havia de ser a nova republica italiana. Devia comprehender todos os pequenos paizes independentes que pullulavam na peninsula: os ducados de Florença, de Mantua, de Parma, de Placencia, de Modena, de Reggio, as republicas de Genova, de Lucca, as senhorias de Mirandolo, de Piombino, de Correggio, de Finale, de Monaco. A Santa-Sé exerceria sobre esta federação uma tal ou qual suzerania.

Assim, organizada a Europa christã, Henrique IV levaria então a effeito o seu grande projecto da expulsão dos Turcos. Marcharia contra elles um exercito composto de quinze contingentes, fornecidos pelas quinze potencias, e que infallivelmente os debellaria, dividindo entre si os despojos do sultão.

A Russia estava então por tal fórma separada da Europa que o grande designio nem se occupa d'ella. Quem diria a Henrique IV que, d'ahi a dois seculos, n'um congresso em que a Europa era dividida d'outro modo, mas não menos arbitrariamente, o congresso de Vienna, seria a Russia quem dictasse a lei?

Mas deixemos o que este plano tinha de arbitrario e o que tinha de sensato, e fallemos só do que nos occupa.

Assim Portugal, victima d'uma atroz espoliação ainda tão recente, n'um plano que tinha por fim principal desmembrar o colosso hespanhol, era completamente esquecido, e ordenava-se-lhe por decreto supremo que saciasse com a sua mais pura substancia a fome da Hespanha, privada de farto alimento italiano e belga!

N'esse plano, que queria proteger o opprimido contra o oppressor, não se fazia caso dos gemidos que soltavamos oppressos por um jugo de ferro?

Porque era isto?

Era porque Portugal, todo entregue ás suas conquistas ultramarinas, olvidára a Europa e por isso a Europa o olvidava. Não tinhamos influido nunca na politica do continente de que faziamos parte; a politica do continente não se occupava em nos proteger.

Temos feito ainda hoje o mais possivel para nos tornarmos esquecidos, para nos sepultarmos na nossa obscuridade; deixamos grassar a nosso

respeito os mais estranhos erros, não defendemos bem alto a nossa nacionalidade; por isso no grande designio de Henrique IV eramos victimas de chimeras geographicas; por isso n'este seculo ainda podemos vir a ser victimas de chimeras ethnologicas.

Queria Henrique IV exilar a Hespanha para aquem dos Pyreneus; entregar-lhe Portugal para a consolar do exilio, e tambem para que esse addicionamento de territorio, arredondando esta fracção occidental da Europa, que elle creava a seu capricho, não lhe perturbasse a symetria do seu mappa phantastico.

Hoje impera o systema das annexões em virtude da conformidade de raça; formamos com os hespanhoes uma d'estas nacionalidades apparentemente homogeneas, que delectam os utopistas cujas theorias são habilmente aproveitadas pelos Bismarks; nada mais natural do que teimar a Europa em suppor-nos anciosos por formarmos a unidade iberica. Protestemos bem alto contra semelhante erro, e preparemo-nos para defendermos a nossa nacionalidade contra os caprichos do liberalismo europeu, como a defendemos outr'ora, e tão gloriosamente, contra os caprichos dos despo-

M. PINHEIRO CHAGAS.

## A SCIENCIA DA LINGUAGEM

### I

(Continuado de pag. 255)

Como se constituiu a sciencia da linguagem? qual é o seu objecto e qual o seu methodo? Como já dissemos, o seu objecto são as palavras de que se compõem todas as linguas, assim como o assumpto da mineralogia são as pedras e os terrenos de que se compõe o globo da terra. O methodo é o de todas as sciencias d'observação; comprehende as quatro series de operações communs a todas ellas, a analyse, a comparação, a classificação e a indução. A analyse effectua-se em cada uma das palavras de cada um dos idiomas vivos ou mortos; se fôsse necessario fazel-a completa havia de se repetir tantas vezes quantas são as palavras que hoje existem ou existiram. Seria, portanto, necessario fazer um dictionario, o mais completo possivel, de cada uma d'estas linguas, que com os seus dialectos chegam a muitos centenares, e em cada um d'estes vocabularios applicar a analyse ás palavras que elles contivessem, sem omitir nenhuma. A cada palavra correspondia um artigo mais ou menos extenso, em que o leitor veria separadas umas das outras as partes de que ella se compunha, com a respectiva significação; e este trabalho de decomposição devia ser levado aos ultimos limites.

Assim, se, em chimica, um pratico, em presença d'um pedaço de giz ou de pedra, se limitasse a separar o acido carbonico da cal, e nos mostrasse estes dois componentes em vasos diferentes, não ficaria com isto satisfeita a nossa curiosidade. Pedir-lhe-iamos ainda que nos dissesse o que eram aquelle gaz carbonico e aquella cal, que compunham o gesso. A sua primeira

analyse devem, portanto, seguir-se mais duas; e o trabalho só poderá dar-se por terminado quando tivermos a certeza de ter chegado aos elementos simples e indivisíveis do objecto que se decompõe.

Vê-se por isto que este methodo applicado aos termos da linguagem, nos poderá levar tanto mais longe, quanto mais complexas forem as palavras da lingua de que nos occuparmos. Dê-se para exemplo a palavra franceza *constitutionnel*. Note-se, em primeiro lugar, que ella contém a forma de adjectivo *el* com *n* dobrado, e a palavra *constitution*; por uma segunda analyse separaremos a terminação *tion* que empregamos para formar palavras abstractas; mas o verbo *constituer* não é mais simples do que aquella palavra porque apresenta tambem em seguimento a *constitu* outro elemento que caracteriza o infinito de certos verbos. Usaremos d'elle porque tem a vantagem de nos deixar levar a analyse mais longe e cortar a primeira syllaba, cuja presença indica que o objecto que se constitue contém diferentes partes reunidas para um fim commum. Esta terceira analyse conduz-nos ás palavras *statuer*, *station*, *état*, para além das quaes é necessario recorrer ao latim; lingua mãe do francez. *Statuer*, *état*, vem, com effeito, de *status*, que significa a situação d'uma coisa ou d'uma pessoa que está em pé, e em que a analyse separa facilmente as duas syllabas; a segunda é uma forma de substantivo ou de participio; a primeira é uma raiz além da qual não podemos caminhar. Podemos considerar a analyse como terminada, porque se tirassemos a *sta*, uma das suas consonantes, obteriamos em resultado outras raizes, *sa* e *ti*, cuja significação é completamente differente, e se eliminassemos a vogal não restaria nada, porque ella é absolutamente indispensavel para a producção d'uma emissão de voz. Por este exemplo se vê como procede a analyse applicada ás linguas, como ella separa as partes das palavras, e chega até aos elementos monossyllabicos.

Supponhamos que a cada palavra d'uma lingua antiga ou moderna se applica este processo com o maior rigor possível. Ter-se-ha em resultado um immenso quadro de analyses dispostas ao acaso ou ordenadas, para facilitar o estudo, por exemplo, alphabeticamente. Basta lançar os olhos sobre as palavras ainda intactas, para notar as semelhanças exteriores já descobertas pelos grammaticos; e poderemos desde logo distribuilas pelas dez partes da oração; mas, se em vez de nos contentarmos com estas analogias superficiaes, compararmos entre si os elementos descobertos pela analyse, apparecerão identidades ou analogias mais profundas. D'este modo percebe-se rapidamente que as syllabas *el* e *tion*, de que fallámos, se encontram n'um grande numero de palavras francezas, que representam n'ellas sempre o mesmo papel, e que fazem entrar estas palavras em certas categorias logicas.

Esta simples observação abrevia muito o trabalho da analyse. Isolados os elementos simples que se reproduzem continuamente na lingua que estudamos, é feita a lista d'elles, só nos resta reconhecê-los nas palavras que ainda não analysámos, e onde elles se acham. Ora, estes elementos, a que os philologos deram os nomes de suffixos e prefixos, são sempre em pequeno numero, e não occupam mais de duas ou tres paginas de

manuscripto. Quanto aos monossyllabos, que, como *sta*, dão a toda a palavra a significação fundamental, esses são, pelo contrario, muito numerosos, e elevam-se ás vezes a muitos mil em uma lingua, e cada um d'elles não se encontra senão n'um pequeno numero de palavras que representam todas, n'este ou n'aquelle gráo, a idéa fundamental que elle exprime.

A classificação das palavras d'uma lingua pôde portanto fazer-se de dois modos; tomando por base a raiz, reuniremos no mesmo grupo todas aquellas em que a encontrarmos; assim, estado, estabão, estatuir, constituir, substituir, restituir, e outras formarão um grupo natural baseado na idéa expressa pela raiz *sta*. Ou, então, pelo contrario, agrupar as palavras pelas terminações como nos dictionarios de rimas, e reunir todas as que acabam por *cão*, *mente*, *ante*, e assim por diante; teriamos d'este modo familias artificiaes, analogas ás de Linneo na botânica.

A boa classificação faz-se pela comparação de todas os elementos das palavras; os grupos de ordem mais elevados baseiam-se no elemento fundamental, que é a raiz; os secundarios fundam-se nos outros elementos, que são utilizados na classificação, segundo a sua importancia relativa. Formam-se d'esta maneira as divisões naturaes, onde debaixo de cada raiz se collocam sempre pela mesma ordem as palavras que a contém, e por isto se chamam suas derivadas.

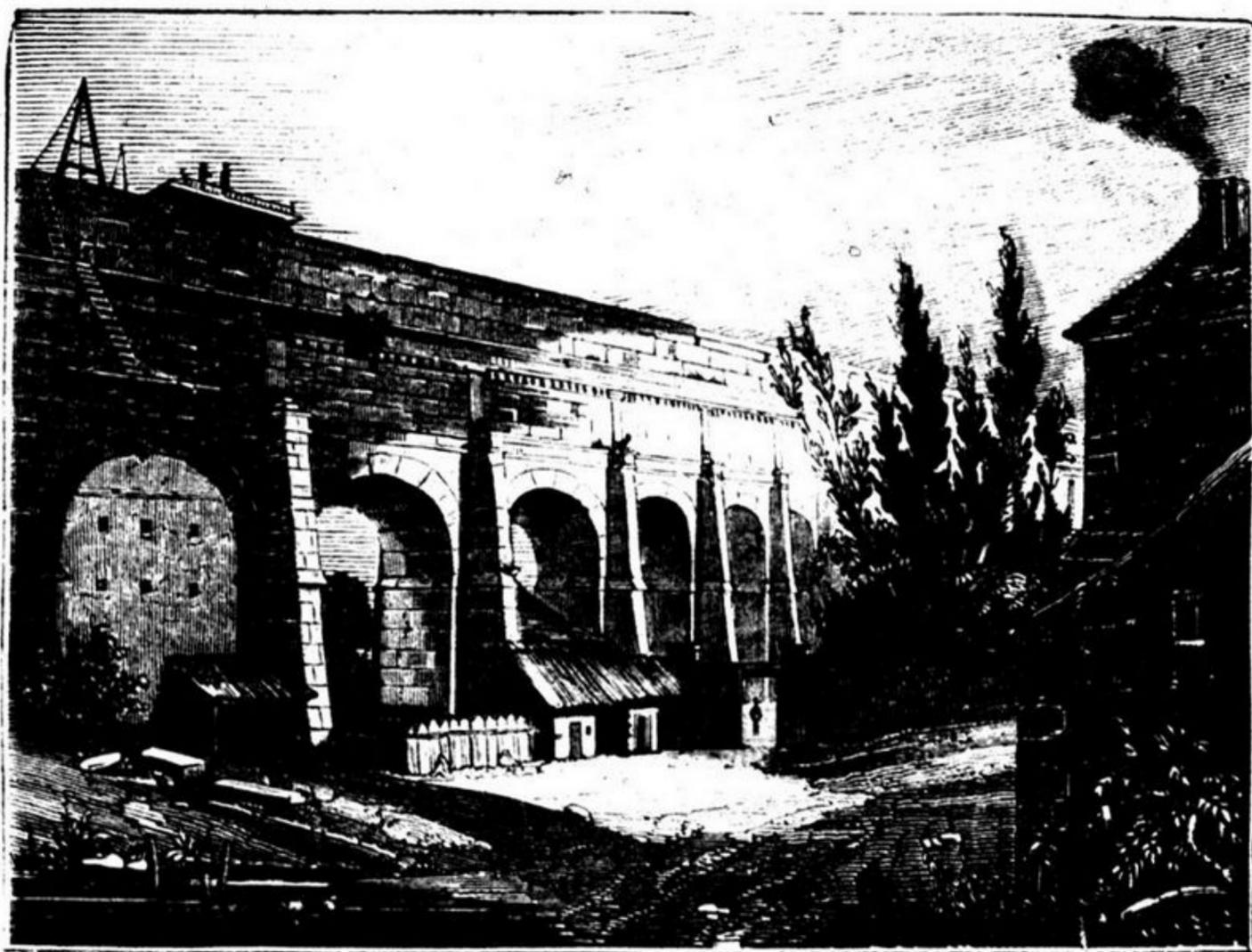
Supponhamos agora que está terminada a divisão das palavras em familias, generos e especies naturaes, n'um grande numero de linguas, em todas se é possível. Resta-nos ainda estudar o todo, e comparal-as entre si. Compreende-se facilmente que esta comparação não deve ser vaga, mas que se deve basear sobre as analyses, não as perdendo nunca de vista.

Confrontar se-hão não somente as palavras inteiras d'uma lingua com as d'outra, o que nos induziria frequentes vezes em erros grosseiros, mas tambem os elementos taes como a analyse os dá depois de separados. Poremos assim em frente das raizes das palavras latinas as das francezas, e do mesmo modo as terminações francezas ao lado das latinas. Repetindo estes parallellos em todas as linguas, e cruzando-se em todos os sentidos, conseguiremos approximar as linguas entre si, e formar com ellas grupos naturaes, como tinhamos feito já ás palavras de cada lingua, dispondo-as em familias. Este ponto capital, sobre que eu chamo a attenção, dá origem a uma questão de methodo, como se vê, porque não me posso conformar inteiramente com a opinião do sr. Max Muller. Pensa o escriptor inglez que as familias de linguas se devem formar attendendo unicamente ás partes moveis das palavras, isto é, ás terminações, a que os especialistas dão o nome de flexões grammaticaes, e quasi despreza as raizes. Quer elle, portanto, que se juntem n'uma mesma familia as linguas que apresentam as mesmas flexões, e que se separem aquellas cujas flexões forem differentes. Creio que este principio não é absolutamente verdadeiro, e que o auctor o applica d'um modo demasiado exclusivo. A experiencia prova, com effeito, que as raizes estrangeiras não se introduzem n'uma lingua senão n'um numero muito diminuto, que ali ficam quasi isoladas e não formam familias. Estas palavras solitarias tem quasi sempre a sua

historia e é muitas vezes possível determinar a época em que ellas se introduziram. Se um povo conserva em geral a sua grammatica, conserva também as suas raizes, nem as perde nem tão pouco as recebe de fóra em grande numero; as raizes são até o elemento mais estavel, porque são ellas que nós vemos passar, a maior parte das vezes, sem deformação, d'uma lingua antiga para outra moderna, em quanto as flexões soffrem n'esta passagem as mais profundas alterações. Julgamos, pois, util não aliar menos, na classificação geral das linguas, ás raizes do que aos elementos grammaticaes, e empregar concurrentemente uns e outros para a determinação

das familias naturaes. Não prova nada o dizer que uma lingua poderia mudar todas as suas raizes e ficar na mesma familia, comtanto que ella conservasse intactas as suas conjugações e declinações, porque a sciencia da linguagem não precisa de recorrer a estas hypotheses exageradas, que os factos não confirmam jámais. Na realidade, quando duas linguas tem a mesma grammatica tem também as mesmas raizes: taes são por exemplo: o francez, o italiano, o hespanhol, entre as quaes se nota esta dupla analogia, e que todas tres apresentam também divergencias nas raizes e na terminação das palavras.

(Continua)



Aqueducto d'Arcueil

À esquerda da estrada d'Orleans, a uma legua de Paris, sobre as margens do pequeno rio de Bièvre, está a cidade d'Arcueil, que, reunida á de Cachant, e que outr'ora era uma freguezia separada, fórma agora um concelho importante do districto de Sceaux. Arcueil tira o seu nome d'Archeilum ou Archoilum, que exprime: um edificio formado por uma reunião de arcadas. Este nome deve a sua origem ao aqueducto que, no seculo III, os romanos elevaram n'aquelle logar para conduzir a Paris, e principalmente ao palacio das Thermas, as aguas reunidas na montanha visinha.

A igreja, cuja construção remonta ao reinado de S. Luiz, é notavel pela delicadeza do trabalho do portico gothico, das galerias interiores, e a bisarria dos capiteis das columnas. O terreno que cerca este edificio foi de tal modo atterrado, que foi necessario fazer uma escada de uns doze degrãos para ali descer.

Arcueil está guarnecida por magnificas casas de campo, entre as quaes se tornam notaveis as que foram habitadas pelos dois celebres sabios,

o sr. marquez La Place; e o sr. conde Berthollet. A casa de Guise também possuiu ali uma excellente vivenda, que foi demolida em 1753.

Os restos do aqueducto romano, que se vêem ainda, consistem em duas arcadas, muito mais estreitas do que as do moderno aqueducto. Estas duas arcadas são de uma construção em tudo semelhante á das Thermas de Juliano. Nota-se ali a mesma qualidade de pedras, de cimento e tijolos, revestidos d'enxilharia de cantaria.

O aqueducto romano, desde muito tempo que estava destruido, e nem já se fallava em chafarizes em Arcueil, mas a descoberta feita em 1612, das nascentes de Rungis, distantes, pouco mais ou menos, legua e meia, foi a razão porque se construiu o soberbo aqueducto que hoje existe, e do qual Luiz XIII poz a primeira pedra a 17 de julho de 1613, e que Maria de Medicis fez elevar depois sob a direcção do insigne architecto Jacques de Broses. O aqueducto, concluido em 1624, tem uns 400 metros de longo sobre 24 de alto. É composto de 20 arcadas, que tem perto

de 24 pés de diametro, mas só nove são visiveis, e por debaixo d'uma d'ellas corre o rio de Bièvre. O interior do aqueducto recebe luz por aberturas praticadas nas paredes, muito proximas umas das outras, e tem um caminho lageado que permite de ser percorrido em toda a sua extenção. As aguas, muito abundantes e muito limpidas, depositam um sedimento calcario muito grosso e muito espesso, que muitas vezes obstrue os canaes conductores, o que dá causa a consideraveis despezas.

O aqueducto d'Arcueil, abobadado e coberto de grandes pedras de cantaria, é digno pela sua construcção de rivalisar com os mais bellos aqueductos romanos, e entre os mais modernos, os de Buc e de Marly não podem ser-lhe comparados.

## O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

... ab auditione mala non timebit.

Ps. CXI 7.

### IV

Continuamos hoje a acompanhar o principe Eugénio na exposição das suas recordações da famosa Expedição do Egypto.

Não se trata, como temos visto nos precedentes artigos, de historiar seguidamente aquelle memoravel acontecimento; senão, e apenas, de recolher as impressões que o principe guardou na lembrança, e exarou nas suas *Memorias*.

Mas, por nossa parte, nem sequer reproduzimos na sua integra as indicadas impressões: muito em resumo registamos n'este humilde trabalho o que de mais caracteristico se nos vaé offerecendo, com relação á pessoa do mesmo principe.

Mais tarde, e quando já não tivermos como guia as *Memorias* (que não vão além do principio de 1805), percorreremos a correspondencia de Napoleão I com o seu filho adoptivo, e indicaremos os factos e as peças mais importantes que n'essa mesma correspondencia encontrarmos.

No mez de novembro (1798) resolveu Bonaparte occupar o posto de Suez no Mar Vermelho, e para esse fim mandou ali o General Bonaparte com uma columna assaz forte; sendo o commando da vanguarda confiado a Eugénio. A marcha era de cinco dias pelo *Deserto*, e n'essa conformidade tinha sido acautelado o fornecimento de agua; mas logo no quarto dia os soldados soffreram uma sede horrivel; fizeram de noute um levantamento, e puzeram-se a furar os ôdres com baionetadas. A sentinella, que estava de guarda á agua, gritou ás armas; Eugénio corre ao sitio da desordem... mas já não era tempo, a agua tinha-se perdido, porque de todo fôra derramada!

N'essa occasião, em que foi indispensavel castigar soldados, ou fazêl-os entrar na ordem á força de pranchadas, via-se um espectaculo muito singular, qual era o de um official imberbe e mimoso arcando com veteranos francezes, já encanecidos nas lidas da guerra, e trazendo-os á submissão e á obediencia! É porque o joven commandante pugnava pela rasão e pelo devér;

e, por boa fortuna da humanidade, a força bruta cede quasi sempre a tão prestigiosos contendores.

O soffrimento que veio a resultar da perda da agua foi horroroso; mas enfim chegou a columna a Suez, e desde logo desapareceu a lembrança da sede cruel que a devorára pelo caminho.

Doze dias depois chegou a Suez o General Bonaparte. Succedeu por essa occasião uma aventura curiosa, que Eugénio refere com toda a fidelidade, afim de restabelecer os factos, taes quaes occorrêram, e dissipar a inexactidão com que por esses tempos fôram contados.

Bonaparte quiz atravessar o Mar Vermelho em um vão que conduz ás *Fontes de Moysés* e ao *Monte Sinay*; servio-lhe de guia Eugénio, que já tinha feito aquelle trajecto.

O vão de que se trata tem de ordinario dous pés de profundidade na vasante da maré; como porém, o fundo é uma aréia movediça, fórma-se com a agitação das aguas grandes cóvas, as quaes facilmente se evitam de dia, porque se descobrem atravez da agua, de si muito limpidas, — mas se tornam perigosas de noute.

Bonaparte, apesar das reiteradas advertencias que lhe fizéram, demorou-se muito tempo nas *Fontes de Moysés*, de sorte que a noute e a enchente da maré o tomáram de improviso no meio do vão, e já não pôde evitar as cóvas. Foi n'esta occasião que Bonaparte, Eugénio, e a comitiva, tivéram que mettêr-se na agua até aos hombros, conduzindo com muito tento os cavallos á rédea. O general Dufalgua correu grave perigo, porque tinha uma perna de páo; no entanto salvou-se, graças á dedicacão de um soldado do Corpo de guias, que o veio sempre acompanhando atravez do vão.

A propósito do general Dufalgua refere Eugénio alguns bons ditos dos soldados francezes. Era opinião geral da tropa que Dufalgua havia sido o promovedor da expedição do Egypto; e, n'esta creença, quando havia privações ou grandes fadigas, descarregavam sobre elle todo o máo humôr, tão natural em circumstancias taes. Em uma jornada muito penosa atravez do *Deserto*, acertou de passar ao lado de um corpo de tropa o general Dufalgua, e sem detença começaram os soldados a chasqueál-o:

— Olha! disse um; ali vaé o maldito perna de páo que nos metteu n'estas danças!

— Boa dúvida, acudio outro; para elle é indifferente tudo isto! tem a vantagem de estar sempre com um pé em França!..

— Na volta de Suez recebeu Eugénio a patente de tenente, acompanhada de uma carta de Berthier, que lhe exprimia a satisfação do general em chefe pelos seus serviços desde o principio da campanha.

— Quizéramos seguir Eugénio em toda a narração da campanha da Syria; mas temos por indispensavel, para poupar espaço n'este semanario, restringir-nos a tomar nota apenas de algumas particularidades mais interessantes.

No dia immediato ao da entrada do exército em Gaza, ordenou o general Bonaparte a Eugénio, que, em sendo meia noite, fôsse levar a ordem de marcha ao general Kléber, que estava a distancia de algumas légoas na frente. Á hora conveniente acordaram Eugénio; mas elle tor-

nou a pegar no somno. Por boa fortuna, o famoso Duroc, vendo que Eugénio não tinha partido, tratou de o abanar fortemente, e de o incitar a que se pozesse a caminho. Eugénio, de quem se havia apoderado e somno invencível da mocidade, apenas de vez em quando respondia que não se levantava porque não podia; até que afinal, Duroc, com uma nobre lealdade, lhe disse encolerizado: «que o serviço não se fazia assim, e que elle Eugénio ia cobrir-se de deshonra!» Esta reprehensão severa fez impressão no brioso mancêbo; levantou-se apressado, e desde logo cuidou de desempenhar o seu dever. Eugénio declara que desde aquella noite começára a amizade íntima que depois consagrou sempre a Duroc.

Bello comêço de relações amigaveis! Inapreciavel benefício é aquelle que nos presta o homem leal, quando nos brada que despertemos do somno, ou mesmo da indolencia, para correremos a desempenhar deveres! Mas tambem mil vezes feliz a pessoa que sabe reconhecer a excellencia de taes avisos, e é sensível ao estímulo do pundonor, e ao receio da deshonra!

Os Francezes entram em Jaffa, depois de um assalto mortífero, e no cabo de uma resistencia pertinaz dentro da própria cidade. A soldadesca irritada entréga-se á matança e ao saque durante uma noite inteira; no dia seguinte foi Eugénio incumbido de fazer cessar aquellas repugnantes e barbaras scenas: *Era a primeira vez, diz elle, que eu via uma cidade tomada de assalto, e um tal espectáculo me repassou de horror!*

É grato ouvir soltar este grito de indignação, quando o historiador tem que apresentar-nos um quadro lastimoso, dos muitos que despedaçam a alma! No presente caso o quadro que se offereceu aos olhos do joven official, foi o de havêrem sido degolados quasi todos os habitantes de Jaffa, sem distincção de idade, nem de sexo, — de estar juncada a terra de cadáveres, e de correr um regato de sangue humano pelas ruas!... Se Eugénio contasse friamente estes factos horrorosos... cair-nos-hia da mão a penna, e seríamos forçados a condemnar a sua memória! Mas não; honra-o, engrandêce-o, exalta o a sublime exclamação que deixamos apontada.

A mortandade parou; veio a vez de fazer prisioneiros dentro da cidade, e a estes acresceram oitocentos homens que se tinham recolhido a um Forte, e depois capitularam. O general Bonaparte reúne um Conselho, e afinal decide que os prisioneiros sejam fusilados!

¿Quem não estremeceará de horror? Fusilar prisioneiros de guerra! Alguns coronéis, e entre outros Boyer, recusam-se a fazer executar uma tal ordem; mas afinal o coronel d'Armagnac, certamente muito a seu pesar, manda proceder ao fusilamento! O coração aperta-se, indigna-se!... Mas ouçamos um homem de bem, e ao mesmo tempo sensível, o principe Eugénio: e vejamos se as rasões que elle adduz justificam o cruel expediente a que se recorreu n'aquella tristissima conjunctura...

— «Esta acção (*diz o principe Eugénio*) foi muito censurada; e em verdade parece muito repugnante á primeira vista. No entanto, foi ella justificada de muitos modos, e principalmente pela necessidade imperiosa. Em primeiro logar, não havia viveres para aquelles prisioneiros; os re-

ursos que a cidade de Jaffa podia apresentar tinham sido destruidos pelos effectos do saque, — de sorte que o exército estava ameaçado da privação absoluta de comestiveis. Afóra isso, uma grande parte d'aquelles prisioneiros eram provenientes da guarnição d'El-Arisch; tinham sido despedidos debaixo da palayra de honra, e em presença das leis da guerra mereciam a morte. Sendo reconhecida pela experiencia a deslealdade d'aquellas tropas, vinha o facto de dar liberdade a outros prisioneiros a expôr-nos a encontral-os no dia seguinte armados contra nós. Taes são os motivos que então fôrão expostos ao exército para desculpar uma providencia tão cruel. A honra e a generosidade, que nos Francezes preponderam mais do que a prudencia, repugnavam a que fôsse praticada uma tal acção; mas a justiça manda tambem ponderar, que o general em chefe não se determinou n'este caso sem grande desgosto, e que os nossos soldados executaram contra vontade aquella ordem.» =

— É força dizê-lo. A resolução ferina de mandar matar — a tiros de espingarda e baionetadas — dois mil e quinhentos prisioneiros de guerra... não é justificavel, apesar do que diz o principe Eugénio.

A critica de hoje, que não se satisfaz emquanto não chega ao amago das cousas, protesta vivamente contra aquella ordem barbara e feroz, e sustenta que não era esta *necessaria, impreterivel*.

O perigo de reforçar o inimigo, dando liberdade aos prisioneiros, não era muito de temer, ao considerar-se que os Francezes tivêram apenas *cincoenta mortos* no cêrco de Jaffa e d'El-Arysch, nos combates de Gaza e em toda a marcha para a Syria.

Demais, os prisioneiros estavam todos opprimidos pelo terror, em rasão de havêrem assistido á mortandade que houve em Jaffa.

¿Haveria acaso sustento para os prisioneiros, se em vez de os mandarem matar, lhes houvessem conservado a vida, como o exigia o sentimento de humanidade? Sim, havia. Em El-Arysch e em Gaza encontraram os Francezes abundantes provimentos, — e em Jaffa, mais de 400:000 rações de bolacha, e 200:000 quintaes de arrôz.

*Mas, a guarda de tantos prisioneiros!...* Era, em verdade, embaraçosa; mas não impossivel.

*Mas, os prisioneiros fallaram á promessa que tinham feito em El-Arisch!...* Examinando se todos os elementos positivos de informação que existem, sabe-se que o numero dos soldados d'El-Arisch, que podiam estar entre os prisioneiros de Jaffa, seria, quando muito de 200 a 300. (1)

Concluamos: ao general Bonaparte fôra permitido escutar, sem perigo, o coração n'aquelle doloroso lance... Precipitação, indiferença, crueldade... alguma d'estas explicações pésa n'este caso sobre a memória do general em chefe; mas a horrorosa mortandade de mais de 2:000 prisioneiros não é justificavel.

— No artigo immediato acompanharêmos o exército francez a S. João d'Acre.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

(1) Vêja o desenvolvimento d'estes enuuciados no muito notavel livro de M. Lanfrey — *Histoire de Napoleon 1<sup>er</sup>* — tom. I, pag. 392 a 396.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**Coróa de amores** — romances humorísticos por J. Simões Dias. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1868.

Os leitores do *Panorama* já conhecem o nome do sr. Simões Dias, uns pela leitura dos seus escritos, e todos pela judiciosa apreciação que dum livro d'elle fez nesta folha o aprimorado escritor, o sr. Pinheiro Chagas.

Pois o *poeta peninsular*, que ainda hontem nós deliciava os ouvidos, desferindo no *Bandolim de D. Juan* as maviosas serenatas que nos prendem os olhos e o coração ás paginas do *Mundo interior*, apresenta-nos hoje um novo livro — a *Coróa de amores*, e promete-nos para amanha frutos, ainda mais saborosos, do seu rico ingenho.

A *Coróa de amores* está na altura do talento do autor. Os seis romances que o livro encerra, se não são a coróa litteraria de tão auspicioso escritor, não temem, á bofé; confronto com os titulos que a muita gente hão aberto o pantheon das nossas glorias litterarias. Sublinhei romances, porque, a aferil-os pelo padrão dos romances a que andamos afeitos, nunca tal nome lhes quadraria; é mesmo confissão do autor — «que não são romances como os que por ahi se fazem, mas como hão de fazer-se, quando os letrados conhecerem que o romance está menos na embrulhada complicação de episodios e ficções adrede combinados, que na exposição simples, singela e verdadeira, dum facto que a todos pela facilidade esteja presente aos olhos e ao coração.» —

A despeito, porém, da *simplicidade e singeleza* que o autor exige para caracterisar o romance, encontro, neste seu livro, de involta com o mavioso e facil do estilo, paginas e paginas duma erudição que, se revela alteza e cultura de entendimento, é para muitos leitores iguaria indigesta, á falta de sabor extremamente romantico.

Mas não se julgue que o sr. Simões Dias traçou inconscientemente essas paginas, ou que ellas são filhas de mal-cabida vangloria. A verdade é esta: — o autor escreveu-as ao acaso em differentes épocas; hoje, releu-as, e, por as não inutilisar, caldeou-as com os seus romances. A cerzidura não é difficil de conhecer-se; no entanto, se isolarmos esses fragmentos, transparece nelles variada e proveitosa lição, a que raramente se devotam os litteratos de hoje, enfroñados como anda grande parte na blusa esfarpada de Eugenio Sue, quando não pasmam de boca aberta diante das Cassandras litterarias, amparando-lhes a tripode.

Prosigamos.

Os romances do sr. Simões Dias não são frioleiras engendradas, consoante aos partos imaginosos de romancistas sonambulos que falam de coisas architectadas tão só em cabeças tresnoitadas: Cada romance da *Coróa de amores* envolve factos que se ligam realmente á vida do autor ou de individuos que elle tratou de perto.

Não sou dos que admittem sem restricções o estafado aforismo de Boileau:

«*Rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable*»; mas, postos em balança — o romance melhormente imaginado e o romance alicerçado em factos, se a preferencia não promanar da forma, ninguém hesitará sobre a escolha.

O estilo do sr. Simões Dias tem o seu quê de originalidade graciosa, porque o joven escritor, dotado duma alta independencia de consciencia e de razão, nunca se andou atrelado aos carros triunfais dos pontifices da litteratura por lhes seguir as piugadas e maeaquear-lhes os gestos. Todavia, como até hoje se tem explorado quasi todas ou todas as feições do estilo, d'ahi vem que, ao lermos o romance — a *Pedra filosofal*, cremos que espraíamos os olhos por algumas folhas das *Viagens na minha terra* do grande Garrett; d' *Stella maris* faz-nos lembrar paginas do nunca assás festejado Alfredo de Musset; o *Sfinx* rivalisa com algumas deliciosas narrações de Lesage; mas a feição de estilo, que mais caracteriza o livro, não dista dois passos da *gargalhada séria* de Henri Heine, d'aquelle espirituoso *humorista*, que a muitos deixou por hérdos as crenças, e a poucos o estilo, como alguém disse de Rousseau.

Saúdo a appareição da *Coróa de amores*, firmemente esperançado em que o público receberá com justiça mais esta producção dum talento esplendido.

Sei que o sr. Simões Dias está dando o ultimo retoque aos *Párias*, um dos poemas mais notaveis do nosso tempo, e talvez a coróa litteraria do seu já illustre autor.

Quem aos vinte e tres annos chega aonde está o sr. Simões Dias, faz-nos prever-lhe um futuro muito invejavel.

Que as esperanças nos não mintam, para honra da patria!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

## O CAVALHEIRO D'ASSAS

D'Assas, nascido em Vigan, capitão ao serviço de França, pereceu em Closter-Camp. Tendo ido observar os postos avançados achou-se entre uma columna inimiga, que marellava em silencio para surprehender o exercito francez. Agarrado por granadeiros foi ameaçado de morte se proferisse uma palavra. Apesar d'isto, d'Assas, que por um momento ficára calado, grita: *A mim, Auvergue, eis-aqui os inimigos*, e logo caiu morto a cutiladas. Este rasgo de heroismo, muito tempo no olvido, deve a Voltaire a popularidade que gosa na historia moderna. Sem pretender offuscar o merito d'Assas, deve dizer-se que muitos bravos, nas guerras da revolução do imperio, fizeram tanto ou mais do que elle, e que, por uma injustiça do acaso, ficaram os seus nomes, pela maior parte, ignorados.

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

**As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:**

Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, acresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Em Coimbra, Porto, Braga e Vianna, em todas as mais.

Typ. Franco-Portugueza — Rua do Thesouro Velho n.º 6.